

Devedores da América Latina analisarão o plano Baker

Representantes de onze países latino-americanos, exatamente os mais endividados, vão reunir-se em dezembro no Uruguai para discutir o chamado "plano Baker" — a idéia de criação de um superbanco internacional com a função de fornecer maior ajuda aos países em dificuldades financeiras. A informação foi divulgada ontem pela agência espanhola EFE acrescentando que a data da reunião ainda não está confirmada mas que dela participarão todos os países membros do Consenso de Cartagena.

O objetivo do encontro seria

responder ao plano apresentado pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, com o qual muitos países do continente não concordam. A principal restrição é feita à exigência de que, para receberam os créditos adicionais do "superbanco", os países teriam de aplicar políticas econômicas que garantam a liberdade para o fluxo de capitais estrangeiros e a privatização de empresas estatais.

Embora ainda não haja uma opinião comum entre os membros do Consenso de Cartagena, alguns setores já começam a pressionar os

governos da América Latina para adotarem uma posição. Em La Paz, a Associação dos Industriais Latino-Americanos propôs ontem que a questão da dívida externa seja conduzida em negociações bilaterais entre os governos devedores e as instituições credoras, sem interferência de outros organismos, e levando em conta as necessidades e a capacidade de pagamento de cada país.

Em Caracas, uma outra entidade, o Sela (Sistema Econômico Latino-Americano), uma espécie de "CEE da América Latina", também

se manifestou sobre a dívida, mas sob outro ponto de vista. O secretário da entidade, Sebastian Alegrett, lembrou que a entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Econômica Européia (CEE) pode ser ruim para a América Latina, pois irá obrigar esses dois países a obedecerem normas e sistemas de preferência comercial fixados pela CEE e que visam beneficiar os países exportadores da África, Caribe e do Pacífico. "Essas nações são concorrentes da América Latina no comércio de matérias-primas, e isso nos deixará em situação de desvantagem", disse Alegrett.